

ISMAEL COUTINHO E O SISTEMA VERBAL LATINO-PORTUGUÊS¹

JOÃO BORTOLANZA (UFU/ ABRAFIL)

Ismael de Lima Coutinho é sinônimo de seu *Pontos de Gramática Histórica*, bem mais do que o era em 1938, quando esta obra veio à luz. Trata-se de um manual obrigatório de todos os que didaticamente estudam e abordam a Língua Portuguesa em profundidade, levando em conta a pétreia afirmação lavrada na p. 46, após abrir o capítulo ‘História da Língua Portuguesa’, em que, ao dizer que o Português “proveio do latim vulgar”, pontifica: “Pode-se afirmar com mais propriedade, que O PORTUGUÊS É O PRÓPRIO LATIM MODIFICADO.”(grifos meus).

Retomo aqui o que assentei em “O Latim e o ensino de Português”, na *Philologus*, n.º 18, de 2000, p. 85: “Língua latina, apenas deslocada na linha do tempo, o Português só se entende em sua dimensão diacrônica”, como uma diretriz para a reflexão sobre o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa após a supressão total ou parcial do Latim nos currículos: a necessidade de se ir ao passado para esclarecer o presente. Desde então, venho mantendo uma produção sempre voltada às lições do passado latino. Reporto-me sobretudo ao artigo “Matoso Câmara e o ensino de verbos” (*Philologus*, n.º 45, 2009) e à palestra “As gramáticas e a tradição na terminologia verbal” (*Cadernos do XIV CNLF*, 2010), em que questiono a nomenclatura empregada nos manuais de ensino dos verbos de nosso idioma.

Entender o nosso sistema verbal como sistema verbal latino-português é, com toda a certeza, o primeiro passo para quem se propõe ir além da repetição mecânica de uma terminologia nem sempre apropriada e resistente à crítica. Sem dúvida, há muito saber elaborado, há toda uma tradição documentada e continuamente revista, mas, por outro lado, os manuais didáticos, neste tema, não primam pelo rigor terminológico lógico e coerente. Said Ali, ao referir-se, por exemplo, à nomenclatura dos tempos compostos com ter e haver, chama-os de “inexpressivas denominações”(SAID ALI, 1964, p. 74).

Ismael de Lima Coutinho, com sua gramática histórica, vem bem a propósito para essa ida ao passado e acompanhar a caminhada histórica do sistema verbal latino, que continua o mesmo, apenas “deslocado no tempo e no espaço” em suas variações sincrônicas e diacrônicas.

Duas grandes lições podem-se extrair de seu compêndio. Primeiramente, o grande princípio de que as línguas românicas se caracterizaram pelo seu analitismo, desde as tendências básicas apontadas por Coutinho na caracterização do latim vulgar, seja quando fala da “preferência dada às palavras compostas, derivadas ou expressões perifrásticas” (COUTINHO, 1978, p. 32), seja quando fala da “substituição das formas sintéticas do comparativo e do superlativo pelas analíticas” (p.33), da “substituição

¹ Palestra proferida no XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, DM homenagem a Ismael de Lima Coutinho.

do futuro imperfeito por uma perífrase” e do “emprego de uma perífrase verbal” na origem de nosso “condicional”, bem como do “emprego de perífrases formadas pelo verbo *sum* e particípio passado de outro verbo, em lugar das formas passivas sintéticas” (p. 34) do *infectum* latino. Na passagem do tempo impôs-se como uma palavra de ordem o crescente ANALITISMO, que deu uma outra face ao Latim, desfazendo sobretudo seu sistema flexional nominal e permitindo organizar uma sintaxe mais direta. A grande modificação, portanto, prende-se à morfossintaxe dos nomes. No entanto, nessa evolução, são maiores as semelhanças que as diferenças, a ponto de línguas e dialetos românicos atuais e desde o surgir de documentos das línguas românicas exibirem esse caráter de continuidade.

A outra grande lição a relevar é a afirmação categórica referente aos TEMPOS COMPOSTOS:

Estas construções predominaram no latim vulgar, preenchendo assim as lacunas decorrentes do desaparecimento de uns tempos ou de empregos novos que outros tiveram (COUTINHO, 1978, p. 277-8).

Era de se esperar pelo menos a inserção sistemática dos tempos compostos nos paradigmas das conjugações verbais, já que as modificações no sistema verbal latino são praticamente insignificantes se comparadas ao sistema nominal.

1. O Sistema Verbal do Latim Clássico e do Português

Caracteriza-se o sistema verbal latino padrão por seu sintetismo generalizado, excetuando-se algumas formas do infinitivo e a formação do *perfectum* com o auxiliar *sum* + o Particípio Passado Passivo; além das conjugações perifrásticas ativa e passiva formadas com os particípios futuros e o auxiliar *sum*.

Já no Latim Vulgar, como bem assevera Coutinho, o caráter analítico suprime as formas sintéticas da voz passiva:

Para substituí-las (formas sintéticas do *Infectum* passivo) apareceu uma perífrase, a exemplo do que se usava, na língua clássica para o pretérito (*sic*) passivo e tempos dele derivados, formada pelo verbo *esse* e o particípio passado de outro verbo (*sic*). (p. 278)

A observar que o Autor confundiu Pretérito com Perfeito, para traduzir o *Perfectum*, confusão, aliás, bastante comum em nosso ensino/aprendizagem: o primeiro refere-se ao Tempo, enquanto o segundo refere-se ao Aspecto. Outra imprecisão aparece no final dessa frase: não se trata de “outro verbo”, mas do mesmo verbo que antes aparecia flexionado e agora forma uma “perífrase” com o auxiliar *sum*. O que fica claro, porém, é que o caráter analítico da conjugação não muda o sistema. Uma mesma gramática ou um sistema invariante na variação.

O que se patenteia como completo e coerente é o sistema que combina tempos Presente, Pretérito e Futuro nos Modos Indicativo e Subjuntivo nos dois Aspectos marcados com Radical próprio, *Infectum* ou inacabado e *Perfectum* ou concluído. Vejam-se os Quadros 1 e 2 *infra*. A correspondência é estabelecida antes pela tradução que pela terminologia empregada pelos nossos manuais.

QUADRO 1. Modos Indicativo e Subjuntivo do *Infectum* / Imperfeito.

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente (□)	AM-O	AM-E-M (I) / dele-A-m (II-IV)
	amo	que ame
Pret. Imperf.	AMA-BA-M	AMA-RE-M
	amava	que amasse / amaria
Fut. Imperf.	AMA-B-O,-BI-s (I,II)	(amabo)
	dic-A-m, dic-E-s... (III,IV)	
	amarei (vou amar)	se amar

QUADRO 2. Modos Indicativo e Subjuntivo do *Perfectum* / Perfeito

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Perfeito (□)	AMAV-I	AMAV-ĚRI-M
	amei (tenho amado)	que tenha amado
Pret. +q Perf.	AMAV-ĚRA-M	AMAV-ISSE-M
	amara (tinha amado)	se tivesse amado /teria amado
Fut. Perfeito	AMAV-ĚR-O	(amavěro)
	terei (vou ter) amado	se tiver amado

O que fica evidente é que o Perfeito português passa a ser formado quase exclusivamente de perífrases com o verbo ter (haver). O futuro perfeito, que em latim praticamente era idêntico ao Perfeito do Subjuntivo, passou, como no *Infectum*, a ter formas próprias para os dois modos. Outra observação é referente à dita “substituição do futuro imperfeito por uma perífrase” (COUTINHO, 1978, p. 34), o que volta a constituir um processo em português e em outras línguas românicas, agora com o auxiliar ir.

2. O Aspecto Verbal em Latim e em Português

Como vimos, “O verbo latino, e por isso o português, é um vocábulo eminentemente flexional”, como diz Mattos e Silva (2006, p. 118) e “era orientado, do ponto de vista semântico, para o sujeito da frase”, como é no português, nos modos finitos, apresentando desinências número-pessoais, também possuía uma

marca cumulativa “para a expressão da significação interna das categorias verbais de aspecto, tempo e modo”. E mais adiante acrescenta:

A oposição aspectual deixa de ser marcada morfológicamente, marcação que era muito nítida no latim padrão, e será por meio de sequências ou locuções que essa categoria se expressará (MATTOS E SILVA, 2006, p.119).

Valeria complementar a afirmação de que em português se tornou preponderante, não exclusiva, essa presença de locuções, posto que se mantém muito nítida a oposição aspectual entre, por exemplo, o presente flexivo e o pretérito perfeito perifrástico no Modo Subjuntivo (01) e entre os futuros imperfeito e perfeito tanto do Indicativo (03), como do Subjuntivo (02):

(01) Talvez não SEJA a vida tão pequena,
embora muitas vezes o TENHA SIDO

(02) Se um dia a vida FOR pequena,
mesmo se TIVER SIDO brilhante,

(03) não TERÁ SIDO em vão seu sonho
nem SERÁ em vão realimentá-lo

Comentando Eugênio Coseriu, Bechara deixa mais clara essa presença do aspecto nas flexões e nas formas locutivas:

as categorias de “tempo” e “aspecto” costumam andar geralmente ligados no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* alude (*sic*) à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual aludem (*sic*) à maneira de considerar a ação verbal no tempo. (BECHARA, 2001, p. 213)

O que surpreende é o emprego dos termos perfeito e imperfeito sem essa consciência de que a estrutura verbal latino-portuguesa continua apresentando paralelamente formas imperfectivas ou indicativas de ação não concluída e formas perfectivas ou concluídas, simetricamente distribuídas nos Modos Indicativo e no Subjuntivo (exemplos 2 e 3), conquanto em Latim – e em línguas românicas, como o francês e o italiano – os futuros de ambos os modos tenham somente a forma do Indicativo.

O que cumpre repetir é o conceito citado de Coutinho de que o sistema

gramatical verbal soube “PREENCHER AS LACUNAS” resultantes do “desaparecimento de alguns tempos” ou deslocamentos de alguns outros.

A criação românica do muito impropriamente denominado de “futuro do pretérito” para o Modo Hipotético ou Condicional – de fato, nem é futuro nem pretérito, apenas indica modo e aspecto – foi sem dúvida uma grande inovação, já que em Latim o período hipotético, constituído de uma apódose subordinante e de uma prótase adverbial condicional, se confundia com os tempos pretérito imperfeito e pretérito-mais-que-perfeito do Subjuntivo, como se pode ver nos Quadros 1 e 2 *supra*.

3. Os paradigmas verbais: nomenclatura e tempos compostos

A nomenclatura gramatical empregada pelos nossos gramáticos, obedecendo à NGB, comete dois erros básicos:

- a) praticamente desconhece a categoria Aspecto cumulativa com Tempo e Modo, seja nas formas simples, seja nas compostas, e emprega de forma inadequada os termos perfeito e imperfeito;
- b) em segundo lugar, prende-se demasiado às formas sintéticas flexionais que ainda mantemos em português.

É comum encontrar-se nas gramáticas o paradigma das conjugações das ditas “formas simples” separado do quadro dos “tempos compostos” ou mesmo usar um critério para a voz ativa e outro para a voz passiva. É só folhear nossos mais consagrados manuais para constatar tanto a imprecisão quanto ao Aspecto, advinda de uma falta de discussão acumulada, que leva ao segundo erro: o quadro incompleto das conjugações, gerando nos estudiosos uma insegurança, facilmente constatável nos vários níveis de ensino, quanto à conjugação dos verbos.

De fato, como entender o emprego de nomenclaturas como:

- a) Infinito composto e Gerúndio composto, quando deveriam ser chamados de pretéritos?
- b) Futuro do presente simples e composto, por futuro imperfeito e perfeito?
- c) Futuro do pretérito simples e composto, que sequer é tempo, por Modo Condicional com os aspectos imperfeito e perfeito tanto para a prótase quanto para a apódose?

Urge rever a tão recente NGB e torná-la o espelho que nos reflete o acúmulo de um saber elaborado ao longo de milênios de nosso “LATIM MODIFICADO”;

A Gramaticologia é um desafio para os pesquisadores das Letras Vernáculas e Clássicas. Estudar a fundo é o que se pode tirar de lição de tantos que já se debruçaram

a fundo na sistematização da metalinguagem norteadora dos que querem apreender a Língua em suas várias dimensões e em suas modalidades.

Vale destacar Celso Cunha. Ao se referir à existência da categoria Aspecto, reporta-se ao *Dictionnaire de la linguistique* de Conrad Bureau “sous la direction de Georges Mounin”:

Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa ‘uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo’. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

E lucidamente nos adverte:

Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto (CUNHA, 2001, p.382).

4. Conclusão: a conclusão a construir

Homenagem justa e oportuna essa que o XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia tributa ao Autor de *Pontos de Gramática Histórica*, em que pontifica sermos o LATIM MODIFICADO e que, portanto, os Mestres das Letras somos os que dominamos o sistema verbal latino-português. O verbo é o cerne da expressão inteligente, complexo a ponto de continuar um desafio no seu caminho mais que milenar e tão simples que em pequenos o apreendemos logicamente e por etapas.

Como filólogos que devemos ser da nossa língua-cultura, somos os doutores especialistas de todo o monumental acervo construído no *Latium* que se pronunciou modificando-se ao longo do tempo e através de uma vasta *Romania* na qual estamos inseridos.

Uma conclusão a construir é o que tenho a concluir: frente a uma repetição mecânica de uma série de “denominações imprecisas”, cumpre entender melhor nosso sistema verbal latino-português e torná-lo mais inteligível.

Se há uma palavra que deve centrar essa discussão é a palavra ANALITISMO, tão clara em nosso Autor, desde a caracterização do Latim Vulgar com a nítida tendência que só fez ampliar-se em seu percurso histórico. Atentar para o documentado Latim Clássico, como o *terminus a quo*, e para o presente da produção escrita e oral desse *terminus ad quem*, continuará precipuamente o desafio dos *doctores* que filólogos se propõem a professar essa Língua-Cultura, que se expandiu e continua expandindo-se

cada vez mais analítica.

Retomemos o que diz Lima Coutinho:

Estas construções predominaram no latim vulgar, PREENCHENDO ASSIM AS LACUNAS DECORRENTES do desaparecimento de uns tempos ou de empregos novos que outros tiveram (COUTINHO, 1978, p. 277)

As formas analíticas vieram a “preencher as lacunas” insignificantes no sistema verbal, se comparadas com o que foram no sistema nominal. Nesse, as preposições praticamente desmontaram o quadro altamente sintético da morfossintaxe, que, por isso mesmo, apresentava uma ordem aparentemente caótica para o nosso presente analítico de ordenamento mais direto.

Reverendo os Quadros 1 e 2, podemos ver que o sistema verbal latino-português não é tão complexo, posto que até uma simples criança o apreende, contudo carece de uma expressão mais lógica e coerente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORTOLANZA, João. As gramáticas e a tradição na terminologia verbal. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 4, t. 2, p. 1807-1816. Rio de Janeiro: Cifefil, 2010.
- BORTOLANZA, João. Matoso Câmara e o Ensino de Verbos. In: *Revista Philologus*, Ano XV, n. 45, p. 113-122. Rio de Janeiro: Cifefil, 2009.
- BORTOLANZA, João. O Aurélio e o vocabulário erudito. In: *Anais do XIII CNLF*, Nº 4, t. 2, p. 2192-2203. Rio de Janeiro: Cifefil, 2009.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª. ed./4ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. *Gramática Secundária* rev. e atual. por Evanildo Bechara. Brasília: EDUNB, 1964.

RESUMO: Pretende-se demonstrar a importância dos *Pontos de Gramática Histórica* de Ismael Lima Coutinho para explicar a formação de nosso Sistema Verbal, questionando a nomenclatura gramatical empregada em nossas gramáticas. Partindo do princípio de que as línguas românicas se caracterizaram pelo seu analitismo, frente

ao caráter sintético do Latim Clássico, em continuidade com o que acontecia no Latim Vulgar que lhes deu origem, examina-se a camisa de força que representou a Nomenclatura Gramatical Brasileira para descrever o novo sistema verbal. A partir dessa sua afirmação “Essas construções predominaram no latim vulgar, preenchendo assim as lacunas decorrentes do desaparecimento de uns tempos ou de empregos novos que outros tiveram” (p. 273), era de se esperar a inserção dos tempos compostos na conjugação do Indicativo e Subjuntivo e nas formas nominais. A terminologia verbal praticamente continuou a mesma, mesmo à luz do *terminus a quo* e das várias etapas diacrônicas com as modificações introduzidas.

palavras-chave: Gramaticologia – Terminologia Verbal – Sistema Verbal – Gramática Histórica – Diacronia